

DIÁRIO DE OCUPAÇÃO: Uma história de luta da juventude goiana¹

Karoline dos Santos Santana²
Luciene de Oliveira Dias³
Universidade Federal de Goiás, Goiás, GO

RESUMO

Trazemos aqui detalhes da pesquisa e da construção do produto **Diário de Ocupação**, que aborda o movimento de ocupação de escolas públicas estaduais em Goiás, que marcou os últimos dias do ano de 2015. O **Diário de Ocupação** tem quatro capítulos que contam de forma cronológica o processo do movimento e traz como temas centrais o debate sobre a juventude negra de periferia e a educação libertadora. Na perspectiva da democratização dos espaços de poder, enxergando a educação e o universo acadêmico como alguns deles, tanto o livro como o *paper* se propõem a fazer uma abordagem numa linguagem mais simples e afetada. Tudo isso converge com a metodologia de pesquisa usada, onde a pesquisa se adequou ao que vivemos e a participação social se deu na prática. O resultado é um livro que traz o diário como instrumento de registro de fatos que ainda estavam em andamento no estado de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: juventudes; ocupação; educação; afeto; diário.

1. INTRODUÇÃO

Na primeira quinzena de dezembro de 2015 iniciou-se um movimento de ocupação de colégios estaduais no estado de Goiás. Estudantes secundaristas, com o apoio de estudantes de universidades e docentes, ocuparam 27 escolas num ato contra a implantação de Organizações Sociais, as chamadas OS's, nas escolas públicas, o que é lido pelo movimento como um processo de terceirização, pois estas organizações são de iniciativa privada e visam lucro.

O governador do estado, Marconi Perillo, trouxe este projeto para ser piloto na educação do Brasil. Este mesmo governo já retirou a titularidade de mais de 20 mil docentes em Goiás. Segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego), a titularidade foi retirada de todos/as professores/as que tinham cursos de pós-graduação. Com uma greve de 51 dias no início de 2012, a categoria conseguiu reverter a gratificação de titularidade para mestres e doutores, ou seja, os pós-graduados *stricto-sensu*,

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Publicidade e Propaganda, modalidade Publicidade em outros meios.

² Estudante do 8º Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: mandaprakarol@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: lucienediasj@gmail.com.

com 40% e 50% respectivamente. Já a maioria, aqueles/as com pós-graduação *lato-sensu*, os especialistas, perderam a titularidade. Em 2015, a categoria teve a percepção de que em retaliação à greve da educação, o governador operou uma intervenção militar em sete colégios que foram, conseqüentemente, militarizados. Atualmente, ao todo, Goiás tem 20 colégios estaduais militarizados sob o comando da polícia. Por último, a tentativa era terceirizar a educação. Ele pretendia passar para empresas privadas, chamadas de Organizações Sociais, a administração de 25% das mais de 2 mil escolas públicas estaduais.

Esta pesquisa dedicou-se, então, a contar num livro o que nós vivemos durante dois meses num movimento político por uma educação pública de qualidade e transformadora em Goiás. No **Diário de Ocupação**, estas mobilizações serviram de pano de fundo para tecermos um debate central sobre a juventude de periferia. Nos perguntamos o que é uma vida? Por que um corpo vale mais em detrimento do outro? Por que a juventude do Robinho – escola onde foi feito o trabalho de campo – nunca existiu para a sociedade e para o governo? Por que nós conseguimos gerir uma escola e o governo diz que não consegue e terceiriza sua responsabilidade para a iniciativa privada? Com o olhar a partir da Ocupação Robinho, no Jardim Nova Esperança, periferia de Goiânia, trago um perfil não só das ocupações, como desta juventude, que ocupou, resistiu de muitas formas e mostrou que um outro modelo de sociedade é possível.

2. OBJETIVO

O objetivo principal deste trabalho é inverter as relações de poder, usando o espaço da academia para agenciar um grupo subalternizado, a juventude negra de periferia que é a todo momento invisibilizada, mostrando que a universidade é um lugar onde tem o direito de por e fincar os pés. Neste sentido, a comunicação e a publicidade e propaganda encontram novos caminhos para um novo fazer na construção de uma sociedade diferente, uma sociedade transformadora.

3. JUSTIFICATIVA

Era domingo, por volta das duas e meia da madrugada. Eu estava em pé, atrás do balcão da recepção, na balada onde faço um bico aos finais de semana como operadora de caixa. Chegou uma cliente que já havia me destrutado duas vezes anteriormente. Estava atendendo-a educadamente. A porta da frente se abriu. Gritaram algumas palavras em tons bêbados e debochados. Do lado de fora, alguém arremessou um objeto. Eu o vi voando.

Acompanhei o seu movimento, tacitamente. Ele veio em minha direção. Acertou o meu peito e caiu sobre o balcão. Minhas mãos não se mexeram para pegar a carteira de trabalho (que ironia), o tal objeto, cujo dono, “cliente”, branco, de classe média e bêbado jogou para sua amiga e, “por acaso”, acabou me acertando. Meu rosto não teve expressão. Nenhum músculo da minha face se moveu. Meus olhos não se encheram de lágrimas. Eu não existia ali. O grupo de amigos entrou na balada, com exceção do autor do arremesso, que foi proibido pela gerente que viu tudo. Começou a tocar o funk Baile de Favela. A paródia de Baile de Favela foi a música de protesto mais entoada nas ocupações. Da recepção, ainda sem reação, pude escutar toda a clientela cantando a música num só coro e sem nunca ter colocado seus pezinhos na periferia. Quando isso aconteceu, estudantes do Robinho e toda a juventude da periferia também não existiram.

Desde então, me faço e refaço a mesma pergunta de Butler (2015): “O que é uma vida?”.

Eu e estudantes do Robinho nos encontramos pela não existência e esta pesquisa nasceu daí, do encontro da teoria como uma prática social (hooks, 2013). Esse trabalho surge da vontade de questionar. Por que alguns corpos valem mais que outros? Por que algumas vidas são preservadas em detrimento de outras? E por que, mesmo tentando seguir as normas de reconhecimento, não somos vidas reconhecidas?

A problematização é latente. Aqui, problema é entendido como necessidade de questionar e complexificar nossa vivência, e também como o problema na sua forma mais literal de ser. O problema da falta de acesso da juventude à educação pública e de qualidade, o problema da falta de políticas públicas, o problema da falta de estrutura e amor familiar, o problema das drogas e o problema de não ter um Estado que se importe com estes problemas.

A partir do movimento político de ocupação das escolas públicas contra a implantação das Organizações Sociais no estado de Goiás, este trabalho se propôs colocar em debate, de forma central e interdisciplinar, a juventude de periferia, que não tem voz nos Meios de Comunicação de Massa, nem no atual modelo de educação, utilizando de um produto comunicacional-jornalístico-publicitário: um livro-diário.

Com base em Carlos Brandão (1982), este produto é um diário do meu diário de campo. Anseia contar um pouco sobre o modo de viver, sentir o olhar das pessoas, situações, histórias, atos e lugares. Segundo Lopes (2003, p. 138), a escolha do tema, que

não nasce por acaso e nem por escolha exclusiva da investigadora, está relacionada, também, ao seu engajamento teórico e compromisso social.

Por ter vivido cerca de dois meses em constante contato com as pessoas, que agora tenho certa dificuldade em chamá-las de objeto de pesquisa, este trabalho acaba por apresentar algumas características antropológicas, mas com as devidas ressalvas de não se tratar de uma etnografia propriamente dita.

No **Diário de Ocupação**,

você não vai encontrar mais do que já conhece de outras leituras de antropologia. A diferença, se existe alguma, além da forma da fala, é que aqui, livre do rigor da teoria, não preciso explicar o que compreendo, mas compreender o que sinto (BRANDÃO, 1982, p. 13).

Completamente afetada pelas vidas da juventude de periferia nas ocupações, o produto da pesquisa buscou contar na nossa linguagem, de jovens, as aflições, alegrias e implicações políticas daquela condição de vida e, simultaneamente, de sua inexistência para o pensamento hegemônico. Por entender a linguagem como espaço de dominação (hooks, 2013) e vir de um movimento político que atua para inverter esta ordem das relações políticas de poder, propomos que não só o produto seja feito numa linguagem mais simples e coloquial, mas também o *paper*. A ideia é desatrelar a noção de conhecimento das palavras difíceis, rebuscadas e da figura do pesquisador homem, branco, rico e “bem” vestido.

Este trabalho se viabiliza e justifica a sua existência por ser mais um lugar de resistência para a democratização do ensino nas universidades públicas. Que estes espaços possam ser cada vez mais pintados com a cara de estudantes da periferia, como os meninos e meninas do Nova Esperança.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Constituindo-se fundamentalmente pelo processo participativo e colaborativo, a pesquisa emancipatória apresentou-se como um método útil de pesquisa, que tem como “meta explícita mudar o *status quo* não só para si mesmo e para seus companheiros mais próximos, mas de mudá-lo numa escala mais ampla, do grupo social como um todo” (TRIPP, 2005, p. 458).

Durante os dias que passei no Robinho, me habituei a um outro modo de vida. Dormir no chão, acordar cedo, cada pessoa se responsabilizar por alguma atividade de

limpeza, “nois vai”, “nois vem”, o costume com a falta de concordância verbal, ser referência para aquela juventude e ter muita responsabilidade.

O etnólogo experimentava de modo diverso. Na sua disciplina estava fora de questão a experiência desenhada e fechada, do tipo realizado pelo psicólogo experimental na sua prática, mas ficava inteiramente aberta a experimentação num sentido mais profundo qual seja: como uma vivência longa e profunda com outros modos de vida, com outros valores e com outros sistemas de relações sociais, tudo isso em condições específicas. Frequentemente o etnólogo realizava sua experiência em solidão existencial e longe de sua cultura de origem, tendo, portanto, que ajustar-se, na sua observação participante, não somente a novos valores e ideologias, mas a todos os aspectos práticos que tais mudanças demandam (DAMATTA, 2000, p. 143).

A observação participante foi um dos pilares das técnicas de pesquisa. Ela “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 194). Quando voltava para casa, estranhava minha cama e acordava com dor na coluna. “Nois foi” e eu me pegava errando na concordância verbal. Ia a restaurantes e me sentia mal por pensar que meninos e meninas, que “moravam” comigo no Robinho, nunca tiveram condições de ir a lugares como aqueles, mas logo me lembrava da palavra de ordem feminista: “Uma sobe, puxa a outra!”. Participar não foi uma opção. Aconteceu de forma muito natural e me parecia como a única escolha naquele momento.

Na ocupação eu me vi ser afetada. Jeanne Favret-Saada (2005) descreve seu impasse sobre participação e observação para falar do transe na feitiçaria de uma comunidade tradicional francesa e chega à conclusão de que é preciso um novo jeito de se fazer pesquisa. Um modo de pesquisa em que se ocupe o lugar do objeto, assumindo a posição de que o que se passa ali é inimaginável. É ser atingido por uma intensidade de sensações que nem todas podem ser significadas. É ser afetada e é também correr o risco. As ocupações e a realidade da juventude de periferia podem ser descritas e entendidas, mas somente por quem se permitir aproximar delas, quem se permitir correr o risco de ser afetada e “participar”. Segundo Jeanne Favret-Saada (2005), em caso algum essa realidade pode ser “observada” ou imaginada.

Para enriquecer o trabalho, as entrevistas dialogadas foram outro instrumento fundamental nesta pesquisa. Um pouco distante do que estava acostumada a ver nos livros de metodologia, não optei por entrevistas estruturadas nem por entrevistas não-estruturadas, mas parti para uma teorização da entrevista que se deslocava da técnica para o diálogo,

como propõe Medina (2003). Para isso, era preciso inverter a relação sujeito-objeto da pesquisadora para uma relação sujeito-sujeito, que “para além de ser um problema epistemológico, é uma fogueira em que se queimam as certezas, as rotinas profissionais” (MEDINA, 2003, p. 40).

Foi no colchão no chão enquanto tínhamos um tempinho de descanso, durante as rondas noturnas, nos cafés-da-manhã, nos almoços e na lavação de pratos que conversei, dialoguei e conheci um pouco da história e sentimentos de cada uma e cada um que habitava o Robinho. Ocorreu o triálogo possível de Medina (2003): ao mesmo tempo que era protagonista da ação social, era também mediadora social e especialista.

Na documentação indireta, foi utilizado como principal procedimento a pesquisa bibliográfica, que se apoiou em estudos que pudessem guiar a ação da prática social e da escrita. Foram utilizadas publicações, que apoiadas por um referencial teórico, puderam, também, situar este trabalho no campo das pesquisas já existentes. A imprensa escrita, que atuou preponderantemente no processo das ocupações, principalmente, de forma negativa, também precisou ser analisada. Em contraposição, a mídia alternativa se fez muito presente, e por isso, foi abordado, no produto, o papel do midiativismo dessa juventude. Também foram utilizados recursos fotográficos e audiovisuais, disponibilizados pelas páginas nas redes sociais do movimento.

Em relação ao produto, foram utilizadas técnicas de direção de arte e diagramação que se embasaram na premissa básica de que alguns aspectos do *design* devem repetir-se no material inteiro, segundo Willians (1995). Elementos como as cores, as fontes, a disposição das fotografias, disposição do texto, o grid, tudo isso faz com que o livro-diário tenha uma linha guia invisível pelas suas páginas, fazendo com que tenham o mesmo “estilo” e uma identidade visual. Essa identidade está em total consonância com as características visuais e artísticas usadas pela juventude de periferia, personagem central desta história, que está contada tanto de forma literal, como visual.

Todas as ferramentas comungam de uma só linguagem e comunicam a mesma mensagem. Tanto a escrita do livro, como sua identidade visual e o relatório de pesquisa trazem a linguagem do trabalho de campo, a linguagem da juventude, que gritou por uma forma mais democrática de se fazer a educação. E “o processo de comunicação humana não pode estar isento dos condicionamentos sócio-culturais” (FREIRE, 1983, p. 72).

Durante dois meses, trabalhei, estudei, administrei a página Ocupe Sua Escola - Goiás do Facebook e ocupei. Como uma comunicadora, coloquei em prática outro modo de

fazer comunicação. Um modo afetado, em que pular o muro e postar as fotos da ocupação fazem parte do mesmo processo. Talvez seja um pouco disso que tem faltado à comunicação e, principalmente, à publicidade. É no mínimo complicado um homem, branco, heterossexual e de classe alta criar um anúncio para mulheres da classe baixa, em sua maioria negras e da periferia.

Conhecer, viver e ser afetado pelo seu público e suas vivências, na publicidade e propaganda, se faz urgente, bem como empoderar a população de que fazer comunicação também é um direito seu. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 69). bell hooks (2013) nos ensinou a transgredir e que é preciso criar comunidades de aprendizagem, onde todos os conhecimentos sejam considerados, desde fazer um *meme* para o Facebook, passando por fazer um grafite, até falar sobre a história do Brasil. Estas ocupações deixaram o recado de que um outro modo de fazer é possível e que esse modo dá a existência a pessoas que antes não tinham vidas.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Diário de Ocupação é um livro apresentado como produto final da disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

Na forma de diário, suas 109 páginas foram construídas de acordo com a assertiva marxista de que o trabalho não pode ser fragmentado para que não seja alienado. Assim, tomei parte de todo o processo, escrevendo, fotografando, criando a identidade visual e diagramando página por página, que se dividiram em quatro capítulos que contam sobre o movimento de ocupações de escolas públicas em Goiás contra a implantação das Organizações Sociais (OS's).

Robinho Martins de Azevedo, que empresta seu nome à escola que relatamos no **Diário de Ocupação**, foi um dos líderes da resistência da ocupação habitacional do, hoje, Jardim Nova Esperança e é o nome do colégio que ocupamos e o lugar de onde conto esta história.

Marcado por quatro capítulos: Ocupar, Resistir, Transformar e Cartas Para Um Futuro Próximo, o livro fala de uma experiência coletiva vivenciada nas ocupações e não se

propõe a abordar as divisões e disputas políticas internas do movimento por entender que nosso adversário comum é o atual governo de Goiás.

No primeiro capítulo, Ocupar, trazemos de forma cronológica, o processo de ocupação, entendido como o ato de ocupar, passar para dentro do colégio, que teve mais força até por volta do dia 20 de dezembro de 2015. Já no capítulo Resistir, falamos das diversas formas de resistência, resistir desde a truculência policial, até lidar com a vulnerabilidade social dos jovens que ocupam e resistem. No terceiro capítulo, Transformar, mostramos como colocamos em prática a educação libertadora e transformadora. E no capítulo de encerramento, Cartas para um futuro próximo, são estudantes de luta que escrevem seus sonhos, perspectivas e angústias para o futuro.

Escrito no calor dos acontecimentos, dentro das ocupações, o **Diário de Ocupação** cumpre uma tarefa importante de registro histórico da luta contra a implantação das Organizações Sociais na educação de Goiás e, mais do que isso, também contribui para o debate acerca da juventude negra de periferia, que vem sofrendo um genocídio no Brasil e no nosso Estado. Em 10 anos, entre 2003 e 2013, o número de homicídios de crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos cresceu 177% em Goiás. Pela primeira vez, esta mesma juventude, que é assassinada todos os dias, se sentiu parte do processo, se sentiu agente de transformação. Tudo era responsabilidade dos alunos e alunas: a limpeza, a segurança, a comunicação por meio da página no Facebook, a programação cultural e o posicionamento político. Houve uma transformação social e uma prática transformadora que possibilitou tudo isso.

6. CONSIDERAÇÕES

Depois de muita luta, o movimento contra a privatização e militarização do ensino público de Goiás saiu vitorioso. Mesmo com dois meses de organização social intensa e com a recomendação do Ministério Público de que a implantação de Organizações Sociais na educação era inconstitucional, o Governo Estadual insistiu em seguir com o projeto sem dialogar com a população.

Ao abrir os envelopes, que constava os documentos das empresas que se candidataram a administrar as escolas, nenhuma das instituições atendia ao edital na sua integralidade, colocando em cheque a habilitação das empresas perante os instrumentos jurídicos estabelecidos. Desta maneira, o governo resolveu fazer uma segunda chamada das empresas interessadas. Mais uma vez, nenhuma organização estava habilitada por não

atender às exigências básicas do edital. Após tantas tentativas, o governador Marconi Perillo cedeu e adiou a privatização das escolas estaduais em Goiás.

Hoje, todos estes meninos e estas meninas que ocuparam suas escolas são vitoriosos. São vitoriosos e vitoriosas porque deixaram suas casas, trabalharam enquanto ocupavam, tomaram banho em água fria, fizeram comida e geriram uma escola por mais de um mês. São vitoriosos e vitoriosas porque conseguiram enfrentar um governador que está no poder há 14 anos e poucos tiveram esta coragem. São vitoriosos e vitoriosas porque transformaram sua escola, suas vidas e suas consciências.

Na Jornada do Herói, Joseph Campbell apresenta alguns passos em que o herói recebe um chamado, atravessa o limiar, vive toda uma jornada e chega a hora de voltar para casa (VOGLER, 2006). Eu venho de Senador Canedo, uma cidade marginalizada na região metropolitana de Goiânia, e de uma família pobre, mas tive muitas oportunidades, uma delas foi entrar na universidade. Fazer o **Diário de Ocupação**, é de certo modo uma volta pra casa. É voltar para a periferia, voltar para a juventude de onde eu vim e, depois de tudo o que vivi, poder levar o que aprendi, poder fazer alguma coisa pelo meu povo. É usar do espaço de poder que ocupo, a comunicação e a academia, para inverter as relações. É fazer uma outra comunicação, aquela que olha, escuta e agencia o indivíduo, que o conhece e participa de seus processos diários. É fazer com que a universidade cumpra seu papel primordial de extensão e se volte para a comunidade, acolhendo quem sempre deveria ter estado lá, mas nunca pode por tantas barreiras sociais.

O **Diário de Ocupação** é sobre voltar pra casa e também sobre libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de Campo**. A Antropologia como alegoria. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**. Uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro, 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. **Cadernos de campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer**. São Paulo: Callis, 1995.